



SIMBOLISMOS DA ÁGUA: VALORES, SABERES E TRADIÇÕES DOS MORADORES DE PIRAPORA-MG NAS MARGENS DO RIO SÃO FRANCISCO

Vinicius Perez Dictoro¹

Frederico Yuri Hanai²

RESUMO

A pesquisa identificou e analisou valores simbólicos, culturais e tradicionais da água manifestados por moradores locais do município de Pirapora-MG, localizado às margens do rio São Francisco, a fim de gerar novas possíveis abordagens de sensibilização para a conservação da água. Baseou-se na pesquisa qualitativa empregando: levantamento bibliográfico; estudo de caso para obtenção de dados essenciais, por meio de entrevistas; e a análise dos resultados de 37 relatos obtidos pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC. Foram identificadas cinco principais relações simbólicas de moradores locais com a água e o rio, abordando aspectos pouco valorizados atualmente pela sociedade moderna. Essas relações remetem à valorização dos distintos significados da água, atrelados na cultura dessas pessoas, representando um caminho para a abertura de novos saberes, discussões e atitudes nas formas de valorizar e de se relacionar com a água.

Palavras-chave: Relação humana com a água; valores simbólicos; sensibilização ambiental.

¹ Mestre em Ciências Ambientais pelo programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos. UFSCar/Doutorando do programa de pós-graduação em Ciências Ambientais. E-mail: vinicius.dictoro@gmail.com

² Pós-doutor pelo Instituto de Ciências e Tecnologias Ambientais da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha (ICTA/UAB) e pós-doutor pelo Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada (CRHEA) da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP), é Doutor em Ciências da Engenharia Ambiental, Mestre em Hidráulica e Saneamento, Especialista em Educação Ambiental e Recursos Hídricos docente do Departamento de Ciências Ambientais. Docente do departamento de Ciências Ambientais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) do campus São Carlos-SP. E-mail: fredyuri@ufscar.br

1 INTRODUÇÃO

A racionalidade da modernidade, tecnológica e capitalista, resultou em um processo de construção do mundo baseado numa visão antropocêntrica centralizada no ser-humano, gerando perdas de valores simbólicos e uma apropriação da natureza, intensificada pela exploração de seus recursos. O antropocentrismo desconhece todas as imbricações humanas com a natureza, manifestados na capacidade de sentir, pensar e venerar (BOFF, 2005).

Desde a revolução industrial a sociedade acredita ser capaz de exercer total controle sobre a natureza, considerando-a como objeto. Gratão(2008), ressalta que as relações humanas estão progressivamente se distanciando da sua própria natureza, e suas manifestações estão expressas nas suas relações com o meio ambiente, cada vez mais degradantes na questão dos recursos naturais. Portanto, é necessário resgatar o sentido de pertencimento à natureza, voltando-se à relações de contemplação, respeito, preservação e afetividade.

A perda dos valores simbólicos, culturais e tradicionais da forma de se relacionar com a natureza e os recursos naturais, resulta no modo de agir e pensar no mundo. Para Leff (2010), a racionalidade que vivemos hoje impede de visualizar a potência do real e dos aspectos simbólicos na construção de novas alternativas possíveis no campo do planejamento do desenvolvimento e na gestão e conservação da água.

A relação humana com a água, principalmente nas sociedades modernas, evidencia a relação de apropriação da natureza, porém, a compreensão das relações humanas com a água deve extrapolar o entendimento restrito de sentido utilitarista da água, pois os valores simbólicos, religiosos, culturais, místicos sempre fizeram parte da cultura de muitos povos.

A água, que nas antigas tradições era referência de vários aspectos simbólicos, sofreu um severo empobrecimento e simplificação de sentido. Isso pode contribuir na maneira destrutiva e de apropriação que a sociedade se relaciona com a água, os rios e as nascentes, gerando um afastamento da questão da água como valor simbólico (RIBEIRO, 2014b). A água transcende os limites de uso e de necessidade para consumo de tudo que vive na Terra, ela é um elemento carregado fortemente de simbologias antigas e conhecimentos

passados, referindo-se à questão do sagrado e também a formação de mitos antigos que criavam uma relação de respeito e divindade com a água (BRUNI, 1994).

Por isso é necessário fazer aflorar uma inteligência sensível e criativa para enxergar e sentir a água, em todas as suas dimensões: simbólicas; culturais; poéticas e espirituais (RIBEIRO, 2014a). Cabral (2011, p. 160), ressalta que “a água nunca é somente água para os seres humanos, pois estes sempre intitulam distintos significados à água, sendo uma fonte de estudo com uma gama de valores atrelados que atuam na percepção e na ação dos diferentes grupos sociais”.

A visão da água apenas no sentido exploratório é uma visão limitada, que não traduz todos os significados que a água engloba. Procura-se um (re)encantamento da sociedade com os valores simbólicos e culturais da água, para auxiliar a criação de novas possibilidades de interlocução entre as várias esferas do conhecimento (OLIVEIRA, 2013), resgatando as dimensões culturais e simbólicas da água para a abertura de novos saberes que representam um caminho necessário a ser seguido (RIBEIRO, 2012).

Este artigo procurou identificar e analisar os valores simbólicos, culturais e tradicionais da água manifestados pelos moradores do município de Pirapora-MG (ribeirinhos, pescadores profissionais, marinheiros fluviais, membros de ONGs e lavadeiras), localizado às margens do rio São Francisco, para compreender as diferentes relações humanas com a água, a fim de gerar novas ou possíveis abordagens de sensibilização para a conservação da água.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

O estudo foi realizado no município de Pirapora, no norte do Estado de Minas Gerais-MG, localizado no alto curso da bacia hidrográfica do rio São Francisco. O município de Pirapora-MG se estende por 549,514 km², situado a 491 metros de altitude com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude 17° 20' 9" Sul e Longitude 44° 53' 53" Oeste. No Censo realizado em 2010 sua população era de 53. 368 habitantes, hoje tem uma população estimada de 56. 229 habitantes (IBGE, 2010).

Como característica principal do município, observa-se a presença do rio São Francisco, que drena áreas de vários estados brasileiros, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, e ainda o Distrito Federal. A pesca se configurou como uma das importantes fontes geradoras de recursos para a população local de Pirapora-MG (GODINHO, 2003; DUMONT, 2007).

Em algumas regiões banhadas pelo rio São Francisco ainda existem tradições culturais e fortes vínculos de ribeirinhos e moradores locais com suas águas, pois inúmeras crenças, relações simbólicas e de afetividade são mantidas até os dias de hoje. Esse contexto propiciou a realização e o desenvolvimento da presente pesquisa.

3 METODOLOGIA

Esse estudo baseou-se na pesquisa qualitativa, que segundo Gonsalves (2007), preocupa-se com a compreensão e com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que a sociedade investigada dá às suas práticas, o que remete para a interpretação de uma realidade.

A pesquisa qualitativa tem como objeto de estudos, “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2000, p. 21-22). Na pesquisa qualitativa, os pesquisadores estão interessados nas pessoas realmente envolvidas que possuem experiência, conhecimento diário e prático do que se deseja investigar. Assim, a amostra deve ser representativa, não no sentido estatístico ou por representar a realidade em uma população, mas os casos devem ser capazes de representar relevância do fenômeno que se quer estudar em termos de experiência e envolvimento dos participantes da pesquisa com a questão abordada (FLICK, 2009).

Os procedimentos metodológicos adotados para esse artigo contemplaram diferentes aspectos a serem analisados, por meio de um mesmo levantamento de dados (realizados no mesmo momento e procedimentos), cujos dados tratados foram diferenciados pelos direcionamentos para obtenção de distintos resultados,

alguns dos quais são aqui apresentados, além daqueles publicados em outros meios científicos.

Nesse trabalho, foram empregadas duas etapas para a obtenção de informações e dados essenciais para a pesquisa. Na primeira parte da pesquisa, foi feito o levantamento bibliográfico por meio de artigos científicos, periódicos e teses que abordam temáticas sobre: a relação Indivíduo-Natureza; a relação humana com a água; e a percepção ambiental. Já para a realização da segunda parte da pesquisa, utilizou-se o método do estudo de caso, a fim de expor o processo investigado e os resultados decorrentes dessa investigação. Segundo Yin (2001), o estudo de caso tem caráter empírico e investiga um fenômeno atual dentro de um contexto da vida real, para isso utilizou-se como instrumento de pesquisa a técnica de entrevistas. Conforme Minayo (1993) e Boni (2005), a entrevista é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão.

A informação inicial para a seleção do recorte utilizado para a obtenção das entrevistas, envolvendo o planejamento da realização das entrevistas e a definição dos participantes, foi auxiliada por um morador local, que voluntariamente se dispôs a ajudar nesse processo. Partiu-se do critério de pescadores e moradores mais antigos da localidade, dando ênfase àqueles reconhecidos e indicados pelos próprios moradores como detentores de maior conhecimento sobre o passado, experiências e atividades diárias com o rio São Francisco. Após as entrevistas, solicitou-se a indicação de possíveis novos colaboradores. Esse método é chamado de “bola de neve” (BERNARD, 1988), no qual cada entrevistado indica outra pessoa para participar que atenda à finalidade da pesquisa.

No período de 22 a 25 de Julho de 2015, foram realizadas 37 entrevistas com moradores locais de Pirapora-MG, onde se pôde vivenciar a rotina e o cotidiano de seus residentes. As entrevistas foram gravadas em áudio e anotadas em caderneta de campo. A partir dos áudios gravados e das anotações de campo, procedeu-se à transcrição integral de todas as entrevistas, mantendo-se o cuidado em valorizar os vocábulos regionais e as expressões verbalizadas pelos próprios entrevistados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi proposto o método do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. Esse método, amplamente adotado em pesquisas qualitativas nas ciências sociais aplicadas, é uma proposta explícita de reconstituição de uma entidade coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular, ou seja, discursando como se fosse indivíduo, mas veiculado a uma representação com conteúdo coletivo e amplificado (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2006).

Com esse método se obtém dupla representatividade, tanto qualitativa como quantitativa, das opiniões e ideias coletivas que emergem das entrevistas realizadas na pesquisa. A representatividade é qualitativa, pois na pesquisa com análise pelo DSC, cada distinta opinião coletiva é apresentada sob a forma de um discurso representando uma opinião na escala social. Enquanto que a representatividade quantitativa surge do fato de que tal discurso tem uma expressão numérica que indica quantos depoimentos foram necessários para compor cada DSC representado nas categorias propostas (LEFÈVRE & LEFÈVRE, 2006).

De modo objetivo, a metodologia do DSC consistiu em analisar todos os depoimentos, extraíndo-se de cada um deles as ideias centrais a partir de expressões-chaves a que se referem, considerando-se a maioria dos aspectos identificados nas entrevistas com os moradores locais. Primeiramente foram identificadas todas as categorias de ideias centrais presentes nos relatos que abordam relações humanas com a água e os rios. Em seguida, para cada categoria de análise foram listados os trechos dos depoimentos vinculados à ideia central. Nos depoimentos listados em cada categoria de análise, selecionaram-se as expressões-chave que traduzem suas correspondências à ideia central. E, finalmente, essas expressões-chaves foram agrupadas, formando um discurso único sobre cada categoria de análise.

5 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Alguns critérios foram adotados para a identificação dos entrevistados nessa pesquisa. Buscaram-se moradores com maiores vivências, experiências e

contato diário com o rio São Francisco, priorizando residentes locais do município de Pirapora-MG. Os entrevistados participantes da pesquisa foram codificados por meio de representação numérica para a compilação e análise dos resultados, a fim de não vinculá-los às suas respectivas identificações. Os entrevistados possuem uma idade média de aproximadamente 60 anos, confirmando a participação significativa de moradores experientes na pesquisa. Segue na Tabela 1 o perfil dos entrevistados no município de Pirapora-MG:

Tabela 1. Síntese e porcentagens do perfil dos entrevistados.

Questão	Respostas	Entrevistados	%
Gênero	Masculino	28	76
	Feminino	9	24
Característica Social/Profissional	Pescador Profissional	11	30
	Ribeirinho	10	27
	Lavadeira/Dona de casa	9	24
	ONG sobre Meio Ambiente	4	11
	Marinheiro Fluvial	3	8
Localidade	Residente local	35	95
	Bahia	2	5

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Pescador profissional foi considerado aquele morador que tem como profissão regulamentada a pesca. Já o morador ribeirinho é aquele que vive próximo ao rio, vive da pesca de subsistência e também utiliza-se do plantio para seu sustento. As lavadeiras são mulheres que lavam as roupas de sua família e de outras pessoas diretamente nas águas do rio São Francisco. Também foram entrevistados marinheiros fluviais que trabalham nos antigos barcos a vapor, e ainda membros de ONGs sobre o meio ambiente que atuam no município.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 37 entrevistas com os moradores pela metodologia do DSC resultou em cinco distintas categorias de ideias centrais que abordam diferentes relações humanas com a água. O DSC de cada categoria representa trechos de vários entrevistados, que foram relacionados pelas expressões chaves de cada

entrevista dentro da mesma ideia central. A seguir são apresentadas na tabela 2, as ideias centrais (categorias) obtidas pela análise DSC e as respectivas quantidades de entrevistados formadores de cada ideia central.

Tabela 2 – Ideias centrais dos DSC

<i>Ideias Centrais (Categorias de Análise)</i>	<i>Quantidade de entrevistados*</i>	<i>Frequência de ocorrência (%)*</i>	<i>Representação no discurso (%)</i>
<i>Relação religiosa/espiritual com a água</i>	13	35%	38% Ribeirinho; 31% Pescador Profissional; 15% Lavadeira; 8% Marinheiro Fluvial; 8% Membro de ONG;
<i>Relação mística com a água</i>	13	35%	38% Pescador Profissional; 31% Ribeirinho; 15% Lavadeira; 8% Marinheiro Fluvial; 8% Membro de ONG;
<i>Relação de inteligência e conhecimento tradicional</i>	7	19%	43% Ribeirinho; 43% Pescador Profissional; 14% Marinheiro Fluvial;
<i>Relação da tradição cultural com a água e o rio</i>	6	16%	33% Ribeirinho; 33% Lavadeira; 17% Pescador Profissional; 17% Membro de ONG;
<i>Relação de encantamento com a água e o rio</i>	3	8%	66% Lavadeira; 34% Ribeirinho

* A soma do número de respostas é maior do que a quantidade total de entrevistados, pois existe a possibilidade de se encontrar mais de uma relação diferente em cada entrevista.

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Muitas das relações identificadas nos moradores locais de Pirapora-MG podem ser entendidas e compreendidas pelos estudos etnográficos e as histórias de vida desses moradores. A história de vida, por mais particular que seja, é sempre baseada nos relatos e práticas sociais nas formas com que o indivíduo pensa, atua e se comporta no local do qual faz parte, resultado em ações cotidianas, que são repletas de significados e situações vivenciadas diariamente. A seguir são apresentados os resultados correspondentes de cada categoria de análise:

6.1 Relação religiosa/espiritual com a água

DSC da Ideia Central

“Rio São Francisco, Velho Chico, isso é uma benção, que até o próprio nome já é. Eu vô nada no rio a primeira coisa que faço é uma oração

pedindo licença pra eu adentra aquela água. O pessoal sempre gosta de fazer romaria, dia de Nossa Senhora Aparecida, sempre fazia romaria. Eu faço muita fé na Nossa Senhora de Aparecida, que ela foi achada por pescadô e eu so pescadô nato mesmo, eu tô sempre aqui na beira do rio, então eu tenho aquela fé, nessa imagem, nessa santa. De primeiro aqui eles fazia a procissão da Nossa Senhora dos Navegantes, tinha muita coisa em relações ao rio. Antigamente era bem mais, é, tinha as procissões na época, a procissão de São Francisco. A gente já viu muito batizado no rio, do povo evangélico, batiza no rio, sempre a gente vê eles aí, tá nas pedra batizando, o batismo nas águas corrente, batizado na água de São Francisco. Geralmente eles vão na beira do rio, fazem o batismo, tem aquela roupagem própria né, especial deles. As vezes esse pessoal que pratica o espiritismo também, vem na beira do rio, frequenta, pra trazer aquela encomenda pra Yemanjá, pros caboclos, flores, aquelas coisas assim. Fizeram novena na beira do rio pra aumentar as águas. Com religião, qualquer que for, essa água desse rio é considerada sagrada. Então isso ainda permanece, não com aquela efervescência de antigamente, com aquele grau, mas ainda tem essa cultura”. (Treze entrevistados).

Nos moradores de Pirapora-MG observou-se essa relação da água com um valor sagrado, geralmente marcado pela religião. Os relatos também evidenciam as antigas procissões e romarias que eram feitas no rio para reverenciar entidades religiosas e mostram, também, as tradições relacionadas ao batismo nas águas do rio São Francisco. Segundo Bruni (1994) a água é considerada como um elemento de purificação e regeneração pelo batismo, que lava os pescados e conduz a uma nova esperança por meio da graça divina (BRUNI, 1994).

No entanto, segundo os moradores entrevistados, esse sentido da água sagrada, das festas e procissões está diminuindo conforme o passar das gerações, confirmando o destaque de Ribeiro (2014b), sobre o sentido da água sagrada que tem sido diminuído e praticamente desapareceu do cotidiano das pessoas na pós-modernidade. Essa relação sensível e espiritual com a água está sendo apagada por uma forma de se relacionar com o mundo de maneira mais objetiva e racional, levando a exclusão da subjetividade humana e da dimensão do imaginário e sagrado em sua relação com a água (RIBEIRO, 2014b).

6.2 Relação mística com a água

Segundo Cavalcanti (1997), o mito é um dos caminhos que trazem a possibilidade de religação das pessoas com as fontes mais antigas do conhecimento espiritual e/ou com suas fontes divinas. Os rios e as águas originam e remetem a muitos mitos e lendas, responsáveis por serem grandes fontes de materiais simbólicos e culturais para muitas comunidades ribeirinhas. Diversas comunidades contam com o auxílio dessas crenças na cultura local, que são elementos que impõem respeito e o sentido de precaução, intensificando uma importante relação mística com a água.

DSC da Ideia Central

“O pessoal antigo tinha aquela crença de que existia o negro d’água, caboclo d’água. Aqui de baixo da ponte antigamente que tinha essa lenda né, que via eles canta, via voz. Existe o caboclo d’água, só que antigamente ele aparecia frequentemente. O que tem na terra, tem na água também. Muita gente acha que por ser água não tem sobrevivente, que tem na terra, mas tem mais hoje de baixo da água do que na terra. Lá em cima tem um lugar que chama calmão, cachoeira do calmão, eu chegava lá de manhã cedo e pegava o fumo de rolo e pegava uma garrafinha de pinga e botava em cima da pedra, e pegava e ainda fazia uma oração. Aí eu botava o anzol lá, quando chegava no outro dia tava o surubim [espécie de peixe] amarrado, cansei de pegar vários surubim. Quando eu chegava lá o surubim tava lá, e a pinga num tava, a pinga e o fumo. Sempre eu pegava peixe, e até hoje, de vez em quando eu ponho fumo lá no calmão, de vez em quando eu pego. Ele era bom demais pra quem tinha fé nele, punha aquele fumo, aquela pinga pra ele lá, e aí o peixe num faltava. Existe também algumas crenças, sobre os maus espíritos que habitam o rio, tantos que eles usam, muitos vapor [barco movido a vapor] de antigamente da navegação, eles usavam aquelas carrancas que, eles presumia que espantava, que corria os maus espíritos”. (Treze entrevistados).

Conforme Diegues (2005), o mito do Caboclo d’água é encontrado em muitas comunidades ribeirinhas no rio São Francisco, e ele pode ser benfazejo (favorecendo a navegação e a pesca), mas também pode se tornar vingativo (quando ofendido pode causar naufrágios de canoas e pesca infrutífera). Isso foi verificado nessa pesquisa realizada com os moradores de Pirapora-MG, que afirmam ou terem visto o Caboclo d’água ou acreditarem em suas histórias.

Durante a realização da pesquisa, também foram identificados aspectos sobre a utilização das famosas carrancas nas embarcações que navegam sobre o rio São Francisco. Para os moradores locais, essas carrancas espantam os maus espíritos que habitam o rio.

6.3 Relação de inteligência e conhecimento tradicional

O conhecimento tradicional tornou-se uma ferramenta importante para subsidiar ações de conservação que abordam a percepção de moradores locais, que cotidianamente se relacionam com a água, trazendo um grande grau de reverência e conhecimento no que diz respeito à água. Nesse relato, evidencia-se o conhecimento empírico que os moradores locais possuem sobre a água do rio São Francisco e também sobre a pesca.

DSC da Ideia Central

“O pescador tá dia a dia no rio, já conhece as águas, ele tem conhecimento das águas, só de andar por cima dela, conhece. Nós já tamo aí um mês e pouco, a água sempre nessa cor, meio escura, porque é água de decantação de barragem [usina hidrelétrica de Três Marias, localizada a montante do rio], de uma profundidade danada, ela tem até mal cheiro, ela é gelada, ela fede ferruge. Só de bate o olho na água aí eu sei o dia que tá bom pra pescar, e sei o dia que tá ruim. Quando o vento tá dando de rio acima, não é muito bom pra pescar, porque a tendência do peixe é se esconder, porque quando a água volta rio acima, normalmente vem muita sujeira, que é o cisco, aquela areinha, então o peixe não anda, procura o esconderijo. Nós já temos uma inteligência pra olhar o tempo, pra lua, pro tempo quente ou mais frio, chuva, pra saber se é um dia bom ou não de peixe. Então, eu dependendo da lua falo, essa semana eu num vou. Na virada da lua, lua minguante, lua crescente, então nos saímos pra pescar que nós já vamos mais ou menos acompanhando a natureza. A passagem da Lua, as vezes o peixe não vem na minguante, quando ele vem na nova [Lua Nova] é um peixe modificado, bonito, já passa a andar mais, mais fácil de encontrar. Na passagem da Lua nova ele fica viçoso pra andar, dá aqueles pulo na água, energia né”. (Sete entrevistados).

Segundo Roberts (2012), as comunidades locais, ribeirinhas e pesqueiras possuem muitas informações relevantes sobre os recursos naturais existentes, e

conhecem a capacidade dos diversos usos que podem ser atribuídos, por isso são importantes para o planejamento, gestão e conservação da água.

Nota-se que os moradores locais entrevistados identificam essas informações importantes que podem ser utilizadas para o planejamento e gestão da água. No discurso, a relação entre a pescaria e as fases da lua, mostra um conhecimento natural de grande importância em suas atividades. As fases da lua, juntamente com as características da água, são associadas pelos pescadores e moradores ribeirinhos a períodos de maior ou menor produtividade do pescado. Dessa forma, pode-se afirmar que o conhecimento tradicional é extremamente importante para a conservação da água, reunindo aspectos que podem ser importantes para o planejamento e conservação da água.

6.4 Relação da tradição cultural com a água e o rio

Essa categoria de análise evidencia a forte relação cultural que os moradores possuem com o rio São Francisco. Segundo Leff (2010), a valorização dos saberes e das culturais locais desloca a supremacia do conhecimento científico, ou seja, da relação objetiva do conhecimento, para saberes e reflexões com enraizamentos nas condições ecológicas no desenvolvimento das culturas, formas de habitar o mundo e no sentido existencial do ser cultural.

DSC da Ideia Central

“Até pelo nome do rio: São Francisco, é cultural, porque sempre convivi aqui sempre vendo, fazendo amizade com o pessoal, os canoeiros, os pescadores e o pessoal que frequenta mais o rio né. Culturalmente quem mora na beira do rio tá intrinsecamente ligado, a cultura dele tá ligada diretamente, num é indireto, diretamente com o rio. Sentir como que é, como que é acordar na beira do rio São Francisco, como que é dormir na beira dele, os sons, pescar um peixe, assar um peixe, tudo isso assim, tem valor, mas passa a ser um valor cultural, porque o barranqueiro vive dessa forma. Tem um pessoal também aí, na época das fogueiras que é no mês de Junho, eles todo ano eles vem banhar aqui na comporta. Todo anos eles vem banhar seis horas da manhã, continua vindo até hoje. Antigamente quando faltava água a gente fazia uma caminhada, quando faltava chuva, a gente ia pro rio, panhá água né, ali de baxo tinha um cruzeiro, a gente carregava a lata d’água na cabeça, as criança chegava perto do cruzeiro e jogava lá né, pra vê se vinha chuva. O povo frequenta o rio, tem uma ligação muito forte, do povo e da cidade com o rio. Então eu

vejo muito isso, a cidade, o povo, muita ligação com o rio, com a água”.
(Seis entrevistados).

De acordo com Ferreira (2010), para muitas comunidades ribeirinhas o rio representa o ecossistema e a cultura, pois entre os rios e as comunidades ribeirinhas existe um sentimento de pertencer à natureza, como participante de um ciclo de vida que se apresenta nas culturas desses povos. Nota-se no relato acima que o rio São Francisco é importante para a manutenção da cultura de seus moradores, apresentando algumas tradições antigas (banhar seis horas da manhã nas águas do rio, tradições relacionadas para atrair chuva, e sentir como é estar diariamente na beira do rio) que possuem com o rio e com a água.

6.5 Relação de encantamento com a água

DSC da Ideia Central

“A água é igual o universo, sempre tem um ser aí dentro, tem um encanto, não vou dizer que não, quando você para na beira dele aqui [rio São Francisco] cê num dá vontade de sair, você quer olhar, você vê uma coisa diferente, tem seu encanto. Quando você tá lá mexendo na água parece que a mente vai ficando mais leve, tinha algum encantamento no rio. Também o pessoal tem aquela velha história, quem bebe água do Velho Chico [rio São Francisco] sempre volta, independente se ele tá aqui de passagem ou não, sempre ele pode vir aqui lavar o rosto, mas ele ao sair daqui, ao tocar na água, sempre quando ele chega lá na casa dele, ou na cidade dele, ele fala, um dia eu vou conhecer o Velho Chico melhor”. (Três entrevistados).

Observa-se no discurso acima, uma relação fortemente simbólica com o rio São Francisco. Essa relação de encantamento nos remete a antigas tradições e simbolismos da água como, por exemplo, o sentimento de leveza ao mexer na água do rio, o desejo da simples contemplação ao ficar olhando as águas do “Velho Chico”, o misticismo da relação da pessoa ao tocar na água do rio São Francisco e a crença de querer conhecer ainda mais esse rio. Manter viva essa relação é transmitir histórias, conhecimentos e simbolismos, em uma época onde a objetividade e a racionalidade dominam, mostrando que o simbólico ainda se mantém vivo frente a essas mudanças.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade deve considerar a ideia de que a humanidade e a natureza são partes integradas e que se complementam, e não devem ser pensadas como aspectos distintos e independentes. O modo de pensar o mundo não deve ser abordado somente a partir do domínio utilitarista, e sim nas formas de integração e nas inter-relações Indivíduo-Natureza, ressaltando aspectos simbólicos, tradicionais, culturais e afetivos. Martins (2007) destaca que, equivocadamente a visão utilitarista segue sendo reificada como único fundamento para a explicação das relações sociais, desconsiderando que mesmo a “utilidade” é composta por dimensões simbólicas que transpassam o universo dos fluxos de oferta e demanda. Considera-se que é necessário valorizar todas as formas de relações com a natureza e também com a água, a fim de reconquistar o sentido de pertencer à natureza e ao respeito pelas diferentes culturas e modos de vida.

Nesse artigo foram identificadas cinco distintas categorias de relações dos moradores de Pirapora-MG com a água. Tais relações fazem parte da vida desses moradores, identificando histórias, ritos, crenças, conhecimentos e comportamentos. Conhecer e valorizar a cultura desses moradores é essencial para manter vivas as relações humanas com a água. A realização desta pesquisa contribuiu para o resgate das diversas relações apresentadas, que valorizam os diferentes significados simbólicos e culturais da água, criando um contato, proximidade e maior respeito com a questão da conservação dos rios, devido ao elo de afetividade alcançado.

Hoje, novas formas de pensar e agir estão sendo discutidas por meio da ética ecológica e da racionalidade ambiental, que trazem a importância do (re)encantamento simbólico do mundo e a mudança no modo de se relacionar com a natureza e seus recursos. Os aspectos simbólicos e culturais devem ser transmitidos em novas maneiras de sensibilização para a conservação da água. A sensibilização para conservação da água (englobando valores culturais, simbólicos, místicos e afetivos), aliada às ações ambientais, é fundamental para expandir a visão centralizada no ser-humano e em suas atividades antrópicas, possibilitando o resgate cultural do simbolismo da água e das suas diversas relações.

SYMBOLISM OF THE WATER: VALUES, KNOWLEDGE AND TRADITIONS OF THE RESIDENTS OF PIRAPORA-MG, ON THE BANKS TO SÃO FRANCISCO RIVER

ABSTRACT

The survey identified and analyzed symbolic, cultural and traditional values of water expressed by villagers residents on the banks of the São Francisco River at the municipality of Pirapora-MG, in order to generate new approaches to raise awareness of water conservation. Based on the qualitative research, it was employed: bibliographic survey; the case study for obtaining essential data through interviews; and the analysis of results of 37 reports obtained by the methodology of the Collective Subject Discourse - CSD. It were identified five major symbolic relationships of residents with the water and with the river, addressing aspects currently not appreciated by modern society. Those relationships refer to different meanings of water values, concerned to the residents culture, and represents a way to open new knowledge, and discussions to enhance and to connect with the water.

Keywords: Human relationship with water; symbolic values; environmental awareness.

REFERÊNCIAS

BERNARD, H. R., 1988. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage Publications.

BOFF, L., 2005. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28 – 35.

BONI, V.; QUARESMA, J., 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Tese – Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**. Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68 – 80.

BRUNI, J. C., 1994. A água e a vida. **Tempo Social – Revista da Sociologia da USP**, São Paulo, 5 (1-2), p. 53 – 65.

CABRAL, D. de C., 2011. Águas passadas: sociedade e natureza no rio de janeiro oitocentista. **RA´E GA - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 23, p. 159 – 190.

CAVALCANTI, R., 1997. **Mitos da Água – As imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo: Editora Cultrix.

DIEGUES, A.C., 2007. **Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nupaub/simbologia.pdf>>. Acesso em: 20 Jul 2016.

DIEGUES, A. C., 2005. **Aspectos sócio-culturais e políticos do uso da água**. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/agua.pdf>>. Acesso em: 23 Ago 2015.

DUMONT, S. R. T., 2007. **São Francisco – Caminho Geral do Sertão: Cenários de vida e trabalho de pescadores tradicionais em Pirapora e Buritizeiro – norte de Minas Gerais**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (Dissertação de Mestrado). Uberlândia.

IBGE., 2010. **Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 Fev 2016.

FERREIRA, M. S. F. D., 2010. **Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP.

FLICK, U., 2009. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed.

GODINHO, H. P.; GODINHO, A. L. (Orgs)., 2003. **Água, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas.

GONSALVES, E. P., 2007. **Iniciação à pesquisa científica**. 4.ed. Campinas, SP: Alínea.

GRATÃO, L. H. B., 2008. O “olhar” a cidade pelos “olhos” das águas. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 199 – 216.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C., 2006. O sujeito coletivo que fala. **Interface – Comunic, Saúde, Educ**, Botucatu, v.10, n.20, p.517 – 524.

LEFF, E., 2010. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez.

MARTINS, R. C., 2007. Utilitarismo, política e cultura na agenda das águas. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v. 8, n. 2, p. 203 – 211.

MINAYO, M. C. de S., 2000. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social :teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes.

MINAYO, M. C. de S., 1993. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2^a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

OLIVEIRA, C. J. de., 2013. Por uma ética ecológica. **Sustentabilidade em debate**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 149 – 167.

RIBEIRO, S. A. de M., 2012. **Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Mudança do Paradigma Instrumental do Uso da Água**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília.

RIBEIRO, S. A.; CATALÃO, V.; FONTELES, B. (Orgs)., 2014. **Água e cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida**. Brasília: Ararazul – Organização para a paz mundial.

RIBEIRO, S. A., 2014. A transdisciplinaridade como caminho para a cooperação para a água. In: RIBEIRO, S. A.; CATALÃO, V.; FONTELES, B. (Orgs). **Água e cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida**. Brasília: Ararazul – Organização para a paz mundial. p. 54 – 60.

ROBERTS, C., 2012. **Indigenous knowledge in water planning, management and policy – Cape York Peninsula**, Qld. Case Studies. NAILSMA Knowledge Series 10/2012. North Australian Indigenous Land and Sea Management Alliance Ltd. Darwin.

YIN, R. K., 2001. **Estudo de caso: planejamento e método**. 2.ed. São Paulo: Bookman.